

Leituras de Vigotski: repercussões na atividade docente

Daniel Novaes*

Esta resenha do livro *Leituras de Vigotski: repercussões na atividade docente*, tem como objeto, caminhar pelo livro atentando para pontos que julgo serem importantes e, que dizem respeito à perspectiva histórico-cultural de Vigotski. O livro reúne estudos de pesquisadores nacionais e internacionais. Dividido em duas partes, problematiza na primeira *as ideias de Vigotski em disseminação: modos de apropriação* e, na segunda, a repercussão das concepções vigotskiana. Compostos por textos de diversos autores, os assuntos abordam, nas diferentes áreas do conhecimento, o desenvolvimento do ser humano e, como a inter-relação dos sujeitos situada em um período histórico e cultural, possibilita a eles irem se constituindo de modo singular, a se (trans)formarem conforme a necessidade.

O livro é apresentado pelas autoras Márcia Aparecida Amador Mascia, Daniela Dias dos Anjos e Ana Luiza Bustamante Smolka. Elas pontuam que ele é o resultado de uma parceria acadêmica entre o Brasil e a Grécia no ano de 2015. Destaca-se de início essa troca de vivências – os modos como o autor de base, Vigotski, é apropriado no contexto do Brasil e da Grécia, autoriza a pensar que essa perspectiva concebe o sujeito de maneira humanizada e em suas relações sociais.

As ideias do professor Manolis Dafermos a respeito da *reflexão crítica sobre a recepção da teoria de Vigotski na comunidade acadêmica internacional* situam o leitor ao mapear, como a obra de Vigotski afeta a academia internacionalmente. Para o autor, um período importante na vida dos vigotskianos iniciou quando o livro *Pensamento e Linguagem* foi publicado. Mas não é só isso, compreender e estudar Vigotski no meio acadêmico, leva a reflexão sobre o certo e o errado frente as apropriações da perspectiva. Nesse sentido, “têm emergido leituras radicalmente opostas dos textos de Vigotski e diferentes interpretações do seu legado”. (p.15)

O autor defende a ideia de que, as obras de Vigotski foram aceitas internacionalmente por, justamente, dar subsídios às lacunas de indagações sem respostas. Apesar dos vários olhares, há uma grande força que tende a incorporar as obras do autor, ao modelo hegemônico. Por isso é necessário que, ao estudar a/na perspectiva histórico-cultural, entenda-se a necessidade de compreender o desenvolvimento do ser humano como um processo dinâmico e contextualizado. No Brasil, as proposições de

Vigotski têm sido apropriadas pela psicologia histórico-cultural, esse movimento, contribui para pensar nas possibilidades de desenvolvimento do homem como ser integral, que se relaciona com o outro em um processo histórico-cultural, permeado por idas e vindas.

Ainda na primeira parte, a professora Ana Luiza Bustamante Smolka contribui provocando o leitor a pensar *Vigotski no século XXI: Contribuições, Inspirações e Provocações*.

Ela comenta que os conceitos de: *desenvolvimento cultural, funções psíquicas superiores, drama, instrumentos técnico-semióticos e as relações de ensino* são parte fundamental do escopo da obra de Vigotski. Tais conceitos rastreiam o processo de desenvolvimento cultural do homem, partindo da premissa de que o outro, ao atribuir significado às ações do sujeito, começa a mostrar os significados culturais dos gestos. Nada nos estudos vigotskianos é parte isolada, tudo é possível de desenvolvimento, desde que haja um inter-relacionamento do homem no meio cultural. Esse inter-relacionar-se possibilita que o homem, partindo das suas necessidades, imagine instrumentos para satisfazê-las, mas não é só isso, a criação, é função psíquica, exclusivamente, fruto das relações entre os homens.

Após olhar o que significa pensar o desenvolvimento humano e como a perspectiva vigotskiana afeta a academia internacionalmente, chegou a hora de compreender como as ideias de Vigotski foram apropriadas pelas diferentes áreas do conhecimento que fundamentam suas pesquisas, na perspectiva histórico-cultural. A segunda parte, *As ideias de Vigotski em repercussão*, é iniciada, com o estudo das autoras Ana Paula de Freitas, Adair Mendes Nacarato e Kátia Gabriela Moreira.

O capítulo *A elaboração do conceito geométrico nos anos iniciais: refletindo sobre o papel da palavra e da imaginação* discute o papel da palavra e da imaginação na formação de conceitos. Em situações de ensino e aprendizagem, a relação entre professora e alunos se dá na/pela palavra, por meio também do diálogo, a produção de sentidos vai acontecendo. Esse texto é oriundo de estudos realizados no *Observatório da Educação – (Obeduc)*, no ensino fundamental I, tendo como sujeitos, 26 alunos entre 8 e 9 anos de idade.

Na seara da perspectiva histórico-cultural de Vigotski, compreendem que o processo de

*Endereço Eletrônico: daniel_novaes.cantelli@outlook.com

desenvolvimento é dinâmico. Se a palavra nessa perspectiva é signo por excelência, “[...] a mediação do professor é signica”. (p.76). Por essa perspectiva de estudo, as autoras compreendem a relação dialógica entre professora e alunos como profícua. Mesmo nas especificidades do ensino da geometria, pela palavra da professora, vão sendo construídos os sentidos – a troca de vivências entre as crianças e, delas com a professora, possibilita a ressignificação, e, portanto, favorece a “*negociação dos sentidos*” (p.87).

A *mediação pedagógica e elaboração conceitual: processos de significação no contexto do ensino da matemática*, é um capítulo escrito pelas professoras Rosangela Eliana Bertoldo Frare, Daniela Dias dos Anjos e Débora Dainez; elas partem da trama vigotskiana para pensarem a elaboração conceitual no ensino da matemática.

O texto das autoras parte do ensino da geometria com o *Software Sweet Home 3D*, para duas turmas do segundo ano do ensino médio. Tal escrito é pertinente às inquietações de uma das professoras, que também era a pesquisadora da própria prática – ela queria que o ensino fosse significativo para os alunos. Fundamentadas na palavra como generalizadora da experiência, entendem que é possível uma (re)construção dos sentidos. Como o método vigotskiano (re)dimensiona o saber, para um saber que dialoga com os demais signos e sentidos, ele está “[...] relacionado com o sistema funcional complexo na sua totalidade” (p.106).

Concluindo o capítulo, comentam que existe um desafio no sentido de “[...] como ensinar/mediar, trabalhar com o conhecimento historicamente construído no contexto escolar de modo a acolher a vivência que o aluno traz e redimensioná-la” (p.107).

Retomando a instrução ao sócia, o capítulo intitulado *A instrução ao sócia: diálogos de confrontação sobre a atividade docente*, foi escrito por Ermelinda Maria Barricelli, Eliana Gouvêa Lousada e Luzia Bueno e, discute no contexto da formação de professores de francês da FFLCH-USP, a oferta de “[...] ensino da língua à comunidade externa e interna da universidade” (p.119). Objetivando compreender o papel da instrução ao sócia, mencionam que esse método, contribui “[...] para a melhor compreensão do trabalho de formação pelos próprios tutores” (p.126). Nesse estudo, a perspectiva histórico-cultural possibilita que o sujeito se reconheça “[...] na medida em que assume o papel do outro para si mesmo, já que, distanciando-se de sua atividade, ele pode se confrontar com aspectos de si mesmo ou de sua atividade de trabalho [...]” (p.127).

Por fim, no posfácio da obra *Movimentando-se com Vigotski e indo mais além em tempos de crise social*, Manolis Dafermos expressa sua gratidão aos colegas brasileiros em colaborar com o diálogo sobre os modos como as diferentes culturas se apropriaram da perspectiva histórico-cultural; ainda menciona a necessidade de superar a lacuna entre teoria e prática nos tempos de crise. E esse é justamente um dos propósitos da perspectiva histórico-cultural, superar a massa hegemônica que compreende o mundo de forma pronta, nas palavras do autor “[...] a teoria histórico-cultural tem de enfrentar desafios sociais e educacionais que exigem o potencial de seu desenvolvimento essencial” (p.134).

O Vigotski em nós

Penso que esse livro é importante por trazer à tona a discussão dos estudos vigotskianos. Partindo das leituras de Vigotski para seus contextos específicos, e das especificidades para um problema social maior – o trabalho, o ensino, as relações sociais, o desenvolvimento do ser humano, a política... É notável lendo esse livro, a clareza de ideias e a riqueza dos dados trazidos para compreender que é possível almejar resultados e alcançá-los, de forma, humanizada e contextualizada. Partir das vivências dos sujeitos, movimentar-se com eles, (re) significando os conteúdos escolares por meio das vivências, ou reconhecer-se pela palavra do outro, é, sem dúvida um posicionamento de que, não estamos sozinhos no mundo, e que, inter-relacionando-nos, vamos além, (trans)formamos o meio e nele somos (trans) formados.

Essa perspectiva possibilita um olhar sensível, técnico e semiótico para as questões, tensões e enfrentamentos nas relações sociais. Nadar contra a corrente hegemônica é um movimento de luta e resistência para o que está posto, tomado como dado e imutável. Conceber o ser humano como inacabado, fruto de suas relações na/pela palavra, possibilita uma relação que acolhe o esquecido, o menosprezado, o escravizado e “o marionetizado” por um sistema, que luta fortemente para tabelar as pessoas e, inclusive, suas emoções.

Referência

MASCIA, Márcia A. Amador; ANJOS, Daniela Dias dos; SMOLKA, Ana Luiza B, (organizadoras). *Leituras de Vigotski: repercussões na atividade docente*. 1.ª ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2017.

Sobre o autor

Daniel Novaes é Doutorando e Mestre (bolsa Capes) em Educação pelo Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, na linha de pesquisa “Educação, linguagens e Processos Interativos”; Especialista em Educação Especial com ênfase em Deficiência Intelectual e graduado em Pedagogia.

Recebido em março de 2018.

Aprovado em maio de 2018.